

# Valores dos jovens de São Paulo

# Valores dos jovens de São Paulo

Yves de La Taille  
Elizabeth Harkot-de-La-Taille



# SUMÁRIO

**MÉTODO, 7**

**RESULTADOS E ANÁLISES, 8**

**1) avaliação da APE, 8**

**2) auto-atribuição de nota, 8**

**3) eu/sociedade, 10**

*3-1) progresso da sociedade no século XXI, 10*

*3-2) ciência e cientistas, 13*

*3-3) religião, 15*

*3-4) política, 18*

*3-5) meios de comunicação, 21*

*3-6) escola, 23*

**4) eu/outrem, 29**

*4-1) relações conflituosas, 29*

*4-2) espaço privado, 32*

*4-3) virtudes morais, 35*

**5) eu/eu, 38**

*5-1) o que não ser, 38*

*5-2) o que ser, 39*

*5-3) amor, justiça e sentido, 40*

*5-4) vida realizada, 43*

**CONCLUSÕES, 45**

**BIBLIOGRAFIA, 47**

Muito se tem falado do ‘vazio de sentido’ experimentado pelos indivíduos da atual cultura ocidental (Taylor, 1998). O chamado ‘fim das utopias’, fim este que implica a primazia do necessário (o dia-a-dia e sua concretude) sobre o possível (projetos de vida pessoal e social), parece ser um fato de decorrências sensíveis na vida de cada um, com destaque para os jovens, que estão em idade de projetar-se no futuro, tomar decisões sobre que ‘vida boa’ vão eleger, sobre o que vão fazer, e, logo, sobre quem vão ser. Dados, como a aumento da violência e da incivilidade, o consumo crescente de drogas, a grande frequência de suicídios (que matam, no mundo, tantas pessoas quanto as guerras e os crimes somados), a tendência ao ‘fechamento comunitário’ nas grandes cidades, ao consumismo, à busca incessante de divertimento (donde o florescer e a força da indústria do entretenimento), o desafeto pelo saber e a atividade intelectual (ver Huntington, 1997), as crescentes queixas sobre a qualidade da educação (na maioria dos países ocidentais), etc., parecem ser indícios de um mal-estar ético.

Comprovar a presença de tal mal-estar e procurar entender suas causas parece-nos essencial, notadamente para guiar políticas públicas para a educação de crianças e jovens. Eis o objetivo maior da pesquisa que passamos a descrever.

## MÉTODO

Sujeitos: 5.160 alunos de instituições de Ensino Médio da Grande São Paulo, sendo 2.160 de instituições particulares e 3.000 de instituições públicas.\*

\*A idade média dos alunos entrevistados é de 15,76 anos. No total, 10,3% dos alunos têm 14 anos; 32,6%, 15 anos; 32,8%, 16 anos; 20,7%, 17 anos; 2,8%, 18 anos, e 0,8% tem mais de 18 anos.

Instrumento: questionário de Avaliação do Plano Ético (APE, criado por La Taille, Y & Harkot-de-La-Taille). Esse instrumento, um questionário com alternativas, coloca aos sujeitos questões que podem ser classificadas em três grandes categorias: 1) eu/sociedade, com questões relacionadas às instituições e agentes institucionais; 2) eu/outrem, com questões relacionadas ao convívio nos espaços público e privado; e 3) eu/eu, com questões relacionadas a projetos de vida e confiança na sua realização.

A aplicação foi realizada no primeiro semestre (março e abril) de 2005.

## RESULTADOS E ANÁLISES\*

### 1) avaliação da APE

A última questão que foi submetida aos sujeitos pedia-lhes para avaliar a relação entre os conteúdos das questões da APE e a sua própria vida. Visávamos, evidentemente, avaliar, nós mesmos, o valor da APE para os jovens pesquisados.

Os resultados mostram que 19,8% do total da amostra avaliou que os conteúdos da APE eram *muito relacionados* à sua vida, e 59,6% que eram *relacionados*. Ou seja, 79,4% dos sujeitos avaliaram que as questões a eles submetidas relacionavam-se com suas vidas. Apenas 17,3% afirmaram que havia pouca relação e 3,3% que não havia relação alguma.

Creemos que esses números testemunham a qualidade do instrumento para conhecer valores, perspectivas e graus de confiança da população estudada.

### 2) auto-atribuição de nota

Os sujeitos foram solicitados a responderem se consideravam suas notas escolares *boas*, *médias* ou *ruins*. Eis os resultados:



\*As pequenas diferenças verificáveis entre a soma das porcentagens, que deveriam totalizar 100%, devem-se aos dados desprezados por erros no preenchimento dos campos, entre outros.

Como se vê, 33% se auto-avaliaram como tendo notas boas, 62,1% como tendo notas médias, e apenas 4,9% como tendo notas ruins.

Não deve causar estranheza o fato de a maioria considerar-se como alunos que obtêm notas médias. Em compensação, chama a atenção o número pequeno de jovens que se avaliaram como alunos de resultados negativos: apenas 4,9%. Mas esse dado deve ser imediatamente comparado àquele que distingue os alunos das escolas particulares e públicas: 7,7% daqueles que freqüentam o primeiro tipo atribuem-se notas ruins, enquanto apenas 2,9% que freqüentam o segundo tipo o fazem. Há, portanto, maior atribuição negativa nos sujeitos de escolas particulares. Mais ainda: são os alunos das escolas públicas que mais avaliam terem notas boas: são 37,8% contra 26,3% dos alunos das escolas particulares.

Como interpretar esses dados? Podemos pensar que se trata simplesmente do fato de as escolas particulares serem mais severas nas suas atribuições de notas. Seria preciso verificar se essa hipótese é conforme aos fatos. Outra hipótese, que nos parece mais perto da realidade, é pensar que os alunos das escolas particulares são mais críticos em relação a si mesmos que seus colegas de escola pública. Como, quase sempre, o público das escolas particulares tem maior poder aquisitivo e maior perspectiva de *status* social que aquele das escolas públicas, pode acontecer que o sucesso escolar não seja tão central para sua auto-estima, daí suportar melhor reconhecer-se como tendo notas médias e ruins. Para os alunos de escola pública, com maior dificuldade de obter visibilidade social e de ter perspectivas objetivas de um futuro pessoal auspicioso, avaliar-se negativamente pode ter um peso psicológico maior.

Interessantemente, diferenças parecidas com as que acabamos de ver encontram-se entre os sexos. Com efeito, enquanto 28,8% dos homens consideram ter notas boas, esse número sobe para 36,8% para as mulheres. E quanto a avaliar-se com notas ruins, apenas 3% dos sujeitos de sexo feminino assim pensam, contra 7,1% dos homens. Podemos fazer as mesmas indagações que propusemos para a diferença entre alunos de escolas públicas e particulares. Pode ser que, de fato, as meninas sejam mais aplicadas e recebam melhores notas na escola. Mas pode ser também que elas tenham mais dificuldade de avaliar-se mal ou medianamente dada uma maior dificuldade de auto-afirmação na sociedade.

De qualquer forma, deve-se notar como dado principal o fato de a maioria dos sujeitos, tanto de um tipo de escola, quanto de outro, tanto do sexo masculino quanto do feminino, situar-se na categoria das notas médias. Como veremos em variadas análises, o fato de atribuir-se notas ruins correlaciona-se com um maior pessimismo e maior falta de confiança nos agentes sociais, nas outras pessoas em geral, e em si mesmo.

### 3) eu/sociedade

As perguntas classificadas no item 'eu/sociedade' visam avaliar o valor atribuído a instituições e agentes sociais que dizem respeito a todos os cidadãos e a confiança neles depositada. Uma vez que projetos de vida envolvem, necessariamente, a participação na chamada sociedade civil, importante é saber como nossos sujeitos se situam perante a mesma.

Para não tornar o texto demasiadamente pesado, faremos referências a diferenças encontradas quanto aos quesitos tipo de escola (pública, particular), sexo e auto-avaliação (notas boas, médias e ruins) apenas quando elas forem encontradas. Do contrário, limitar-nos-emos à análise dos dados da amostra geral.

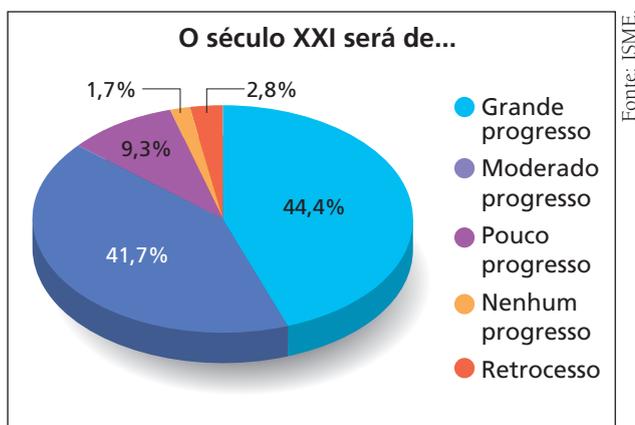
#### 3-1) progresso da sociedade no século XXI

*O século XXI será um século de grande progresso para a humanidade? De moderado progresso? De pouco ou nenhum progresso? Ou de retrocesso?* Eis o que perguntamos a nossos sujeitos. Como se sabe, há épocas de maior e menor confiança no futuro da humanidade. E é claro que tal confiança ou desconfiança tem influência sobre a avaliação das potencialidades que cada indivíduo atribui a si próprio. Com efeito, em geral, é mais fácil ver a si mesmo com perspectivas de um futuro próspero se avalia-se que a sociedade, como um todo, também tem boas probabilidades de prosperidade. E a recíproca é verdadeira: se o futuro é avaliado como mais negativo que positivo, confiar nas próprias chances de progresso torna-se mais problemático.

Ao nos limitarmos em falar em 'progresso para a humanidade', optamos por colocar um pergunta de ordem geral, tanto do ponto de vista dos limites culturais (referência à humanidade) quanto do ponto de vista do conteúdo (progresso genérico, sem definição de área). A opção pela referência à humanidade deveu-se ao fato de vivermos num

mundo globalizado, no qual acontecimentos em qualquer parte do globo podem ter repercussões importantes em outros (vide as decorrências planetárias dos atentados do 11 de setembro, nos Estados Unidos). Além do mais, a categoria ‘humanidade’, que diz respeito a todos os homens e a todas as mulheres, tem o sentido da universalidade. Não estávamos interessados numa avaliação do Brasil ou de uma região (aliás, tão diferentes entre si, no Brasil), mas sim na relação que cada sujeito estabelece entre si e o mundo. Quanto à opção pelo progresso de forma geral, e não por um ou por outro conteúdo deste (moral, científico, político, etc.), ela deveu-se às mesmas razões que nos fizeram optar pelo conceito de humanidade. É natural que cada sujeito pôde, ao responder à nossa pergunta, pensar num ou outro aspecto do progresso, ou mais no seu entorno cultural que no mundo como um todo. Porém, se tal tivesse sido a regra, teríamos obtido uma dispersão das opções que vão de muito progresso a retrocesso. Ora, não foi o que aconteceu, fato que nos leva a pensar que os sujeitos colocaram-se de um ponto de vista universal.

Os resultados mostram que, da amostra total, a quase totalidade dos sujeitos mostra-se otimista em relação ao progresso da humanidade, como o mostra a tabela abaixo.

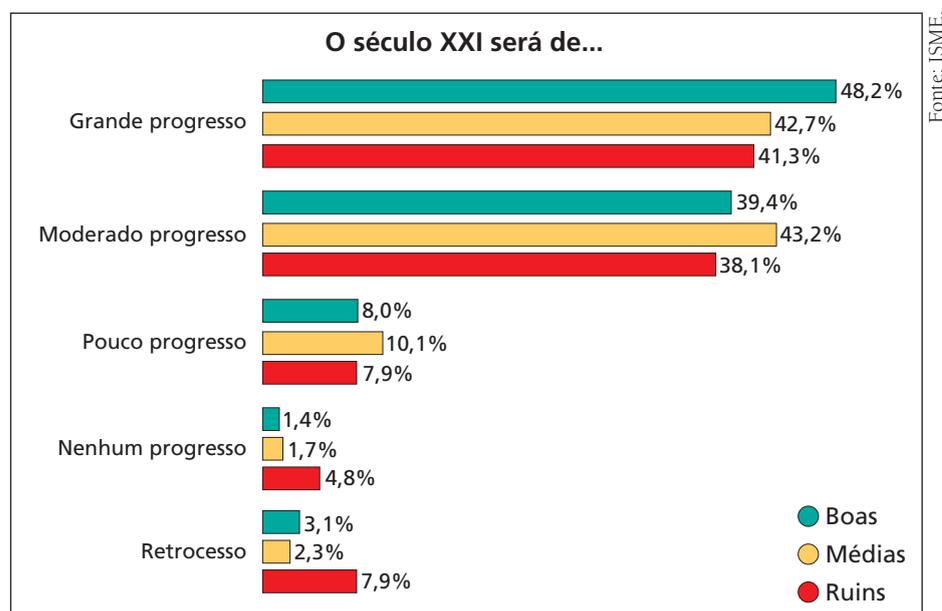


Como se verifica, as opções por ‘grande progresso’ e ‘moderado progresso’, portanto aquelas que apontam para o progresso, somam 86,1%, ficando apenas 13,9% para as respostas que podemos chamar de pessimistas. Note-se também que não mais de 2,8% de nossa amostra optou pela perspectiva de retrocesso.

Esses dados podem ser considerados até surpreendentes se pensarmos que, aparentemente, o ‘clima social’ atual está mais para o pessimismo que para o otimismo. Com efeito, pouco se ouvem, nos dias de hoje, referências às vantagens que o progresso da ciência, da tecnologia, da democracia, etc., trazem em termos de sofisticação ética e emancipação da humanidade. As chamadas utopias políticas, que traziam confiança no progresso social, praticamente desapareceram, e a própria ciência é hoje mais suspeita de ser a causa de danos à natureza e de barbáries sociais do que causa de desenvolvimento social. Porém, trata-se de discursos adultos. Os jovens aparecem como otimistas, e as causas desse otimismo devem ser melhor analisadas em futuras pesquisas.

Note-se que as meninas mostram um pouco menos de otimismo que os meninos: enquanto 50,2% dos primeiros pensam que o século XXI será de ‘grande progresso’, esse número cai para 39,4% para as segundas. É maior o número de meninas que optam por um progresso ‘moderado’ (46,7%), enquanto 36% dos meninos pensam como elas. Todavia, como essa diferença de opinião entre homens e mulheres praticamente não se observa na maioria das questões, pensamos não haver muito o que dessa diferença deduzir com relação à avaliação do progresso da humanidade.

Em compensação, a auto-atribuição de sucesso escolar pesa nesta avaliação. Eis os dados relacionados ao progresso da humanidade:



Como se vê, entre aqueles que se avaliam como tendo boas notas, 48,2% optam pelo grande progresso da humanidade, contra 39,4% de progresso moderado. Entre aqueles que se avaliam como tendo notas médias, as opções grande e moderado progresso receberam praticamente o mesmo número de respostas (42,7% e 43,2%, respectivamente). E entre aqueles que se auto-avaliaram negativamente, embora a maioria (79,4%) se mostre otimista, 20,6% se mostram pessimistas (contra 13,8% da amostra total, 12,4% dos alunos de 'boas notas' e 14,1% daqueles de 'notas médias'). Embora a diferença seja pequena, pensamos que não deve ser desprezada: auto-avaliações escolares negativas correlacionam-se não apenas com as avaliações do futuro pessoal, mas também sobre o da humanidade em geral. Um certo 'negativismo' parece estar associado a essa medida, como teremos a oportunidade de verificar mais vezes.

### 3-2) ciência e cientistas

Duas são as perguntas que colocam o tema da ciência e de duas profissões a ela relacionadas (médicos e economistas). A escolha dessas duas profissões deveu-se tanto à importância real delas para a sociedade quanto por sua grande presença na mídia, fato que as torna visíveis aos olhos da sociedade (também perguntamos sobre professores, mas os dados serão analisados à parte, no item 'escola').

Começamos por pedir a nossos sujeitos que avaliassem o '*grau de importância para o progresso social*' de *médicos, economistas e cientistas em geral*.

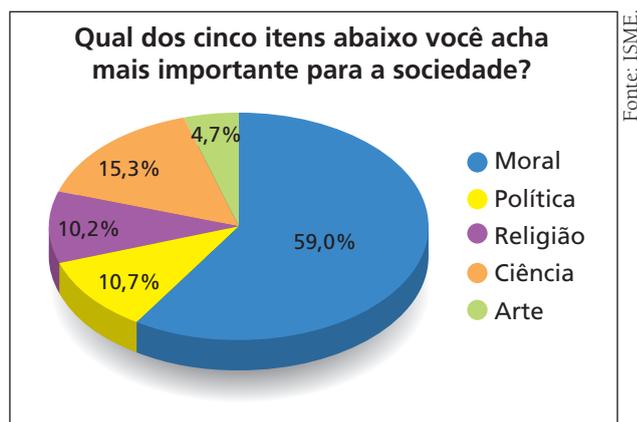
Os resultados para os médicos foram os seguintes: 83,8% os consideram 'muito importantes', 15,4%, 'importantes', 0,7%, 'pouco importantes' e 0,2% 'nada importantes'. Temos, portanto, que, somadas as avaliações de 'muito importantes' e 'importantes', os médicos são vistos pela quase totalidade dos alunos como profissionais de função relevante para a sociedade. Em uma palavra, os médicos gozam de excelente imagem no que tange à sua importância para a sociedade e seu progresso.

O cientistas (sem precisão de que área) também foram muito bem avaliados: 59% os julgam muito importantes e 33,2% como importantes, num total de 92,2%. Os alunos que se auto-avaliaram negativamente quanto às suas notas mostraram-se mais críticos: 11,5% pensam que os cientistas são pouco ou nada importantes, enquanto esse

número não ultrapassa 8% para os demais. Como a escola ensina, ela mesma, ciência, talvez haja maior associação negativa entre esse ramo de atividade humana e o desempenho escolar. Mas é com os economistas que os que julgam ter notas ruins são mais severos.

Os economistas também são vistos como importantes pelos jovens (38,6%), mas menos como 'muito importantes' (25,1%). Mas somando essas duas porcentagens, temos 63,7% de sujeitos que avaliam esse trabalho como relacionado ao progresso social. Os economistas são menos valorizados pelo alunos com auto-avaliação acadêmica ruim. Enquanto 13,4% e 16,2% dos alunos que se auto-avaliaram com notas boas e médias, respectivamente, consideram os economistas pouco e nada importantes para o progresso social, são 29,4% os que o fazem entre aqueles que se auto-avaliaram com notas ruins. O fato de eles serem mais 'severos' em relação a economistas do que a médicos e cientistas provavelmente se deve ao fato de os primeiros estarem diretamente relacionados à gestão da economia, gestão essa relacionada ela mesma às perspectivas profissionais. Como a escola é, entre outras coisas, lugar no qual os alunos se preparam para o mercado de trabalho, e que ver-se com notas ruins pode ser sinal de sérias dificuldades de nele adentrar, é compreensível que os alunos que se vêem em dificuldades sejam mais críticos em relação àqueles que são considerados como responsáveis pela boa ou má saúde da economia: atribuem a eles parte da responsabilidade por possíveis fracassos.

Também pedimos a nossos sujeitos que de *cinco itens, entre os quais a ciência (os outros são moral, política, religião e arte), optassem pelo mais importante*. Eis os dados:

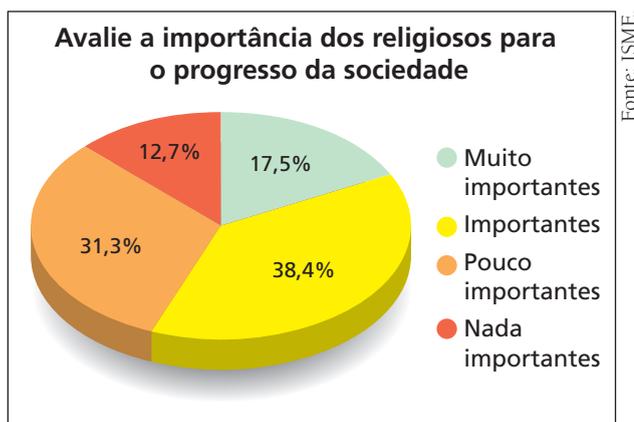


Como se vê, na amostra total, a moral recebeu maior número de respostas, seguida da ciência (15,3%). Voltaremos a esses dados quando falarmos da moral. Por enquanto, notemos que a ciência aparece valorizada. Há, porém, um dado relevante: entre os alunos da escola pública, a importância da ciência (13,2%) é igual à da religião (13,7%). Entre os alunos da escola particular, temos 18,2% de atribuição de importância para a ciência, mas apenas 5,4% para a religião. Vamos voltar agora a esse dado apresentando o que nossos sujeitos responderam quando lhes colocamos o tema da religião.

### 3-3) religião

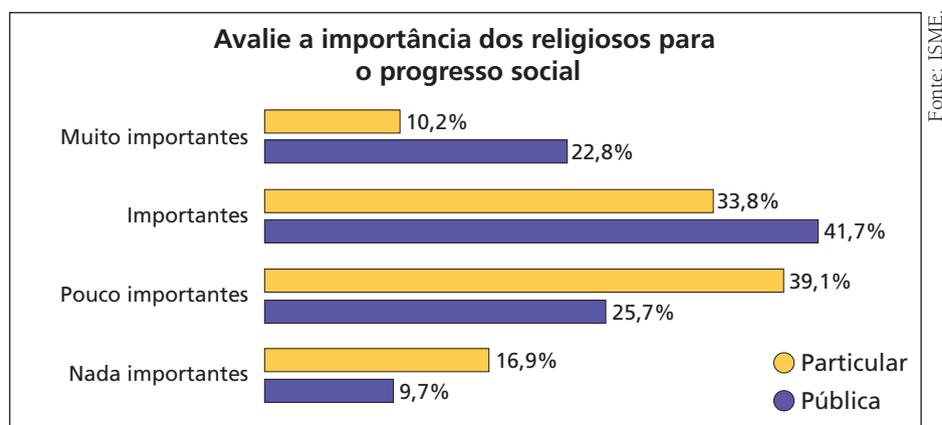
Fizemos quatro questões nas quais a religião ou os religiosos estão presentes.

Na primeira, perguntamos, assim como o fizemos a respeito dos médicos, economistas e cientistas, *se os religiosos eram ‘muito importante’, ‘importantes’, ‘pouco importantes’ ou ‘nada importantes’ para o progresso da sociedade*. Eis os dados para a amostra total:



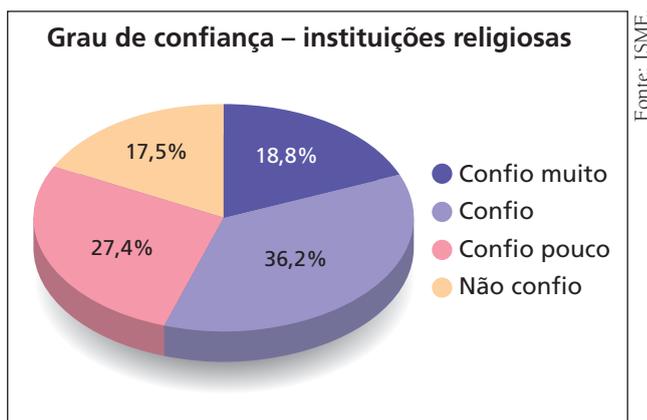
Como se vê, apenas pouco mais da metade da amostra total considera os religiosos muito importantes ou importantes. Note-se que o número de respostas ‘muito importantes’ é inferior àquele de ‘pouco importantes’. Em suma, religiosos ficam abaixo de médicos, economistas e cientistas no quesito ‘importância para o progresso social’. Esse dado não deixa de ser relevante numa época em que se discute uma suposta volta à religiosidade.

Mas devemos atentar para a diferença entre alunos de escola pública e particular.

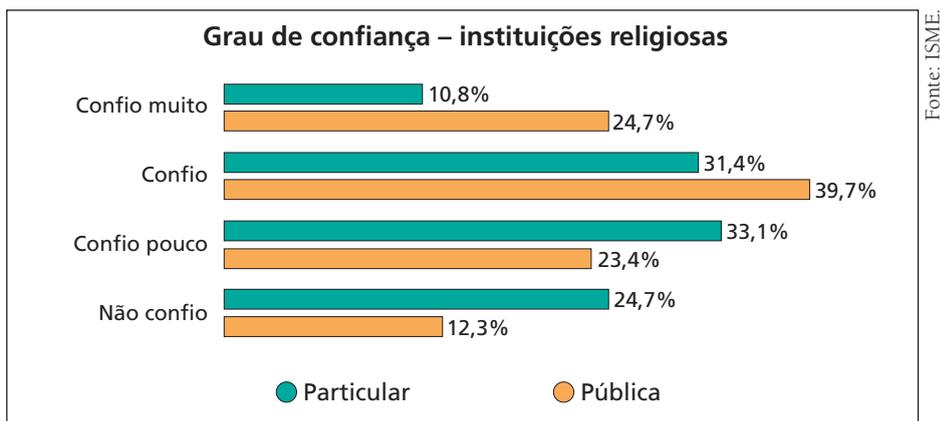


Como se vê, há 20,5% a mais de alunos de escola pública que julgam os religiosos muito importantes e importantes para o progresso social. Em uma palavra, os religiosos são mais importantes para os alunos de classe social de menor poder aquisitivo. Não deixa de ser interessante apontar para um possível paradoxo: são as pessoas mais relacionadas à religião que freqüentam a escola *pública*, portanto laica, e são aquelas que se mostram menos relacionadas a ela que freqüentam escolas particulares, muitas delas de origem confessional. Os demais dados confirmam essa tendência.

A segunda pergunta na qual comparece a referência à religião pedia aos sujeitos que avaliassem seu *grau de confiança nas instituições religiosas*. Eis os dados:

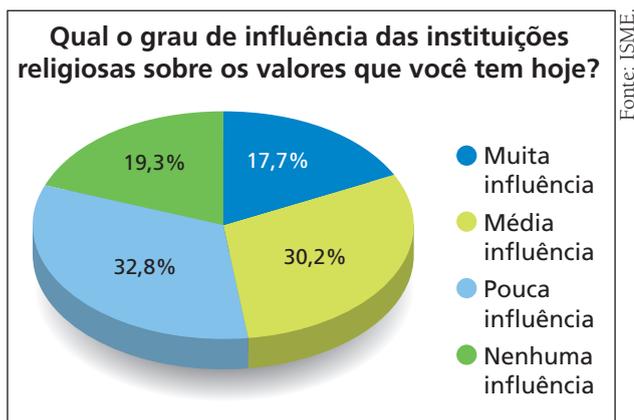


Na amostra total, pouco mais da metade (55%) ficou do lado da confiança e, portanto, 45% do lado da desconfiança. Novamente, pensamos que esse dado é relevante em época na qual se discute muito a influência da religião: ela não parece ser tão grande entre jovens. Mas entre eles, são os que freqüentam a escola pública que mais confiam na religião, como se verifica na tabela que segue:



Na escola particular, são mais numerosos os que confiam pouco ou não confiam nas instituições religiosas (57,8%) do que os que confiam (42,2%). Em compensação, o quadro se inverte na escola pública, testemunhando maior religiosidade por parte dos alunos de classes menos favorecidas economicamente.

A terceira pergunta relacionada à religião refere-se ao *grau de influência que os sujeitos julgam ter, sobre eles, as instituições religiosas (muita, média, pouca, nenhuma)*. Eis os dados:



Na amostra total, 47,9% julgam que as instituições religiosas têm muita e média influência. Acrescentemos que tais instituições são vistas como tendo menos influência do que os pais, os professores, os meios de comunicação e os amigos, ficando apenas na frente, mas por muito pouco, das propagandas veiculadas na televisão, revistas e jornais (40,8%). Esse dado é coerente com os dois anteriores: não parece ser muito grande a presença da religião nos jovens do Ensino Médio; em todo caso, ela é menor do que aquela de várias outras instituições ou agentes sociais. Mas ela é maior entre os jovens de escola pública do que entre seus colegas de escola privada. Entre os primeiros, 57,9% pensam ser influenciados pelas instituições religiosas (somando as respostas de muita e média influência); entre os segundos, a porcentagem fica apenas em 34%. Esse dado também é coerente com os anteriores, assim como o é aquele já comentado no item anterior, referente à ciência e a cientistas: para os jovens de escola pública, cientistas e religiosos dividem o segundo lugar quanto à importância para a sociedade, enquanto para os seus colegas de escola particular, a religião ocupa o último, atrás da moral, da ciência, da política e da arte.

Em resumo, os dados mostram maior penetração da religião nas chamadas camadas populares, justamente aquelas que freqüentam a escola 'republicana'. Contudo, mesmo entre estes, a influência da religião precisa ser relativizada, pois, como veremos a seguir, ela parece menor que aquela da família, dos amigos, e não maior daquela exercida pelos meios de comunicação.

### 3-4) política

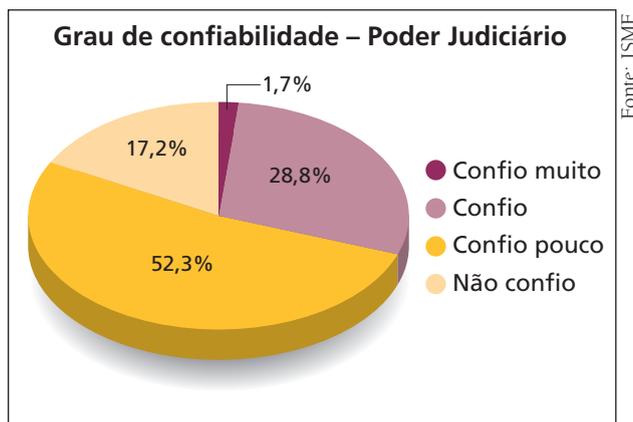
A relação de cada um com a sociedade passa necessariamente pela dimensão do poder, portanto da política, notadamente numa democracia. Logo, o valor atribuído aos políticos, aos partidos políticos e aos poderes tem importância crucial: afinal é deles que depende, em grande parte, o futuro da sociedade, a qualidade de vida dos cidadãos, o progresso social, etc. Há mais: o sucesso dos projetos de vida dos jovens está diretamente relacionado ao que decidem e fazem os responsáveis pelo poder, responsáveis estes que, lembremo-lo, são eleitos.

Começemos pelo Poder Judiciário.

Pedimos a nossos sujeitos que julgassem a *importância dos juizes para o progresso da sociedade*. Somam-se 87,7% as respostas que apontam para a sua importância. Novamente, os alunos que se auto-avaliaram

negativamente no quesito desempenho escolar se mostram mais críticos: 22,3% consideram os juízes pouco ou nada importantes, contra 13% dos alunos de 'notas médias' e 9,5% daqueles de 'notas boas'.

Sempre em relação aos juízes, pedimos aos sujeitos que avaliassem o grau de confiança que têm no Poder Judiciário. Eis os dados:



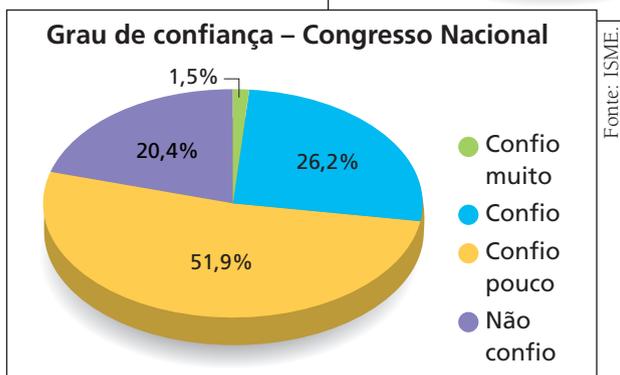
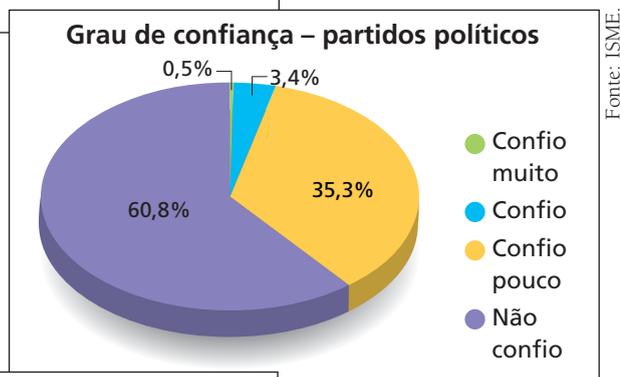
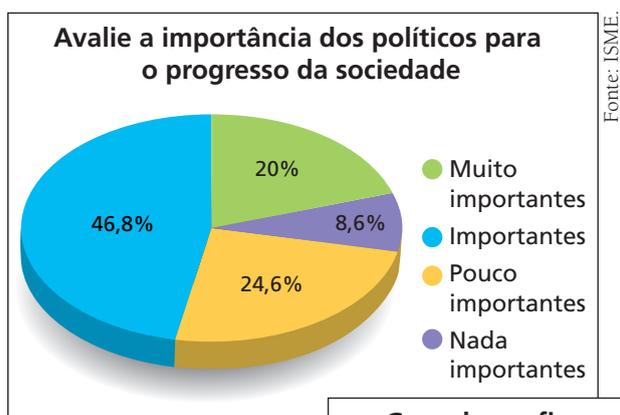
Como se vê, apenas 1,7% afirma confiar muito no Poder Judiciário, que, somado àqueles que limitam-se a dizer que confiam (28,8%), dá pouco mais de 30%. Do lado da pouca confiança e da declarada desconfiança, temos praticamente 70%, o que é muito.

Como de costume, os alunos que se avaliam como tendo notas ruins conseguem ser ainda mais desconfiados em relação ao Poder Judiciário: apenas 16,6% nele confiam, enquanto 35,6% afirmam que não confiam (o não confiar fica com 16% entre aqueles que se avaliam com notas médias, e 6% entre aqueles que pensam ter boas notas).

Em suma, temos, por um lado, uma grande parcela de sujeitos que pensa que os juízes são importantes para o progresso da sociedade (87,7%) e, por outro, uma também grande parcela (70%) que não atribui confiança ao poder político correspondente. Esse dado não é contraditório: pode-se muito bem pensar que determinados agentes sociais têm papel relevante para o progresso social (do ponto de vista sociológico e político, é certamente correto) e também pensar que não merecem confiança para exercer tal papel. Porém, essa dissociação entre atribuição de importância e de confiança coloca um quadro pouco alentador e revela um grande pessimismo por parte da maioria de nossos sujeitos.

Reencontramos quadro semelhante em relação aos políticos, aos partidos políticos e ao Congresso Nacional.

Assim como o fizeram em relação aos juizes, a maioria de nossos sujeitos (66,8%) pensa que os políticos são importantes para o progresso da sociedade (entre os alunos de baixa auto-avaliação escolar, esse número desce para 51,6%). Em compensação, são apenas 3,9% que dizem confiar nos partidos políticos, enquanto 60,8% afirmam não confiar (e 35,3% afirmam confiar pouco). Em suma, 96% dos sujeitos encontram-se do lado da desconfiança. Quanto ao Congresso Nacional, a respeito do qual apenas pedimos o grau de confiabilidade, temos apenas 27,7% que confiam, e 72,3% que atribuem pouca ou nenhuma confiança. Eis as tabelas que acabamos de comentar.



Vemos assim que os partidos políticos e o Poder Legislativo merecem ainda menos confiança que o Poder Judiciário, embora os políticos sejam vistos como desempenhando papel importante para o progresso da sociedade. Vale aqui o que comentamos para os juízes: não há contradição entre afirmar importância social e negar confiança. Mas esses dados são de suma importância, notadamente para um regime democrático.

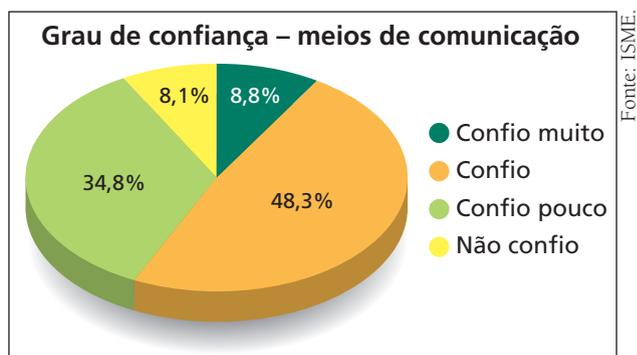
Do ponto de vista da sociedade como um todo, o fato de os jovens não atribuírem confiança às instituições do poder e às pessoas que nelas ocupam cargos, coloca simplesmente em risco a democracia. Não vem ao caso aqui julgarmos se a maioria de nossos sujeitos têm razão, ou não, em negar sua confiança. Mas o fato de eles o fazerem constitui um inegável perigo para o futuro político. O fato de a legislação brasileira obrigar cada cidadão a votar não permite avaliar se, como em outros países (a França, por exemplo), a população não compareceria em massa para votar nos dias de pleito caso o voto fosse facultativo. Mas nossos dados apontam claramente para essa possibilidade. Não podemos não dizer, aqui, que, se nossos dados forem confiáveis - seria necessário realizar a pesquisa em outras regiões, e também em jovens de faixa etária superior -, os responsáveis políticos brasileiros devem pensar seriamente sobre a postura dos jovens perante a política, suas instituições e seus representantes, esses mesmos jovens que, como vimos anteriormente, e voltaremos a comentá-lo, elegem a *moral* como o elemento mais importante para a sociedade (a política fica apenas com 10% das escolhas).

Do ponto de vista das perspectivas éticas dos próprios jovens, o desencanto notado em relação às instituições políticas e seus representantes é também problemático. Vimos que a maioria acredita que o século XXI será um período de progresso para a humanidade. Eis uma postura otimista, mas que fica fragilizada, pois é difícil imaginar progresso sem a participação, de uma forma ou de outra, dos políticos. Muitos jovens certamente percebem essa contradição e, como veremos adiante, se voltam para o espaço privado.

### 3-5) meios de comunicação

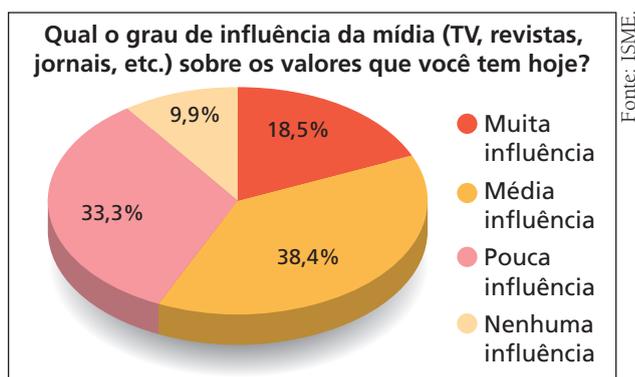
Não fazia sentido perguntarmos a importância dos meios de comunicação para o progresso da humanidade, pois tal não é sua vocação. Limitamo-nos, portanto, a avaliar como os nossos sujeitos neles confiam e o quanto eles pensam ser influenciados por ele.

Começamos pela questão da *confiança*. A tabela a seguir (p. 22) nos mostra os dados obtidos:



Como se verifica, temos aproximadamente metade dos sujeitos que fica do lado da confiança (57%) e outra do lado da desconfiança (43%). Note-se que apenas 8,8% afirmaram que confiam muito nos meios de comunicação, praticamente a mesma porcentagem daqueles que dizem não confiar (8,1%). Note-se também que os que dizem confiar são 48,3%, portanto 14% a mais que aqueles que dizem confiar pouco na mídia. Desses dados, pode concluir-se que os meios de comunicação situam-se abaixo do que seria desejável do ponto de vista da confiança. Afinal, é essencialmente por intermédio deles que a população recebe as informações necessárias para compreender variados aspectos do mundo, da política, dos eventos do espaço público em geral. Se esta 'janela para o mundo' é vista por praticamente metade de nossos sujeitos como no mínimo suspeita de não informar corretamente, temos mais um indício de que os jovens têm dificuldades de relacionar seus projetos de vida com a dinâmica da sociedade como um todo. Parece que, para eles, o mundo aparece como mais perigoso que acolhedor, fato que será confirmado por outros dados.

Vejam agora como eles julgam o grau de influência dos meios de comunicação sobre seus próprios valores: eles têm muita influência? Média influência? Pouca influência? Ou nenhuma influência? Eis os dados:



Nossos dados são coerentes com aqueles encontrados para a confiança depositada nos meios de comunicação: 56,9% pensam ser influenciados por eles, e 43,1% pensam o contrário. Novamente, os alunos que se avaliam como tendo notas ruins rechaçam em maior número a influência dos meios de comunicação: 14,2% deles optaram pela resposta 'nenhuma influência', enquanto apenas 9,6% dos alunos de 'boas notas' e 9,7% daqueles de 'notas médias' o fizeram. Uma maior tendência à negação do outro parece ser característica dos alunos que avaliam não estar tendo sucesso na escola.

Falta vermos mais um dado, esse relacionado a um aspecto especial dos meios de comunicação: as propagandas. Optamos por destacar esse item pelo fato de a mídia veicular incessantemente propagandas variadas, propagandas essas que não somente são repetidas centenas de vezes como quase sempre apelam para os supostos traços de personalidade dos virtuais consumidores (fala-se cada vez menos das qualidades dos produtos e cada vez mais daquelas dos consumidores).

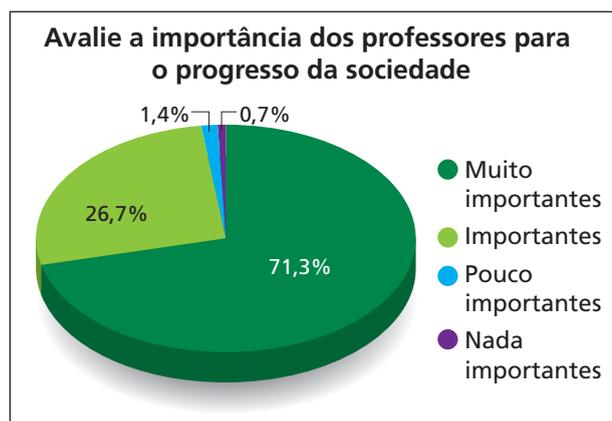
Os dados são parecidos com aqueles obtidos para os meios de comunicação: 40,8% pensam que são influenciados, e os 59,2% restantes pensam que não, ou não muito. Mais uma vez, verificamos que os meios de comunicação dividem as opiniões de nossos sujeitos.

Tal não acontece com suas opiniões sobre a escola.

### 3-6) escola

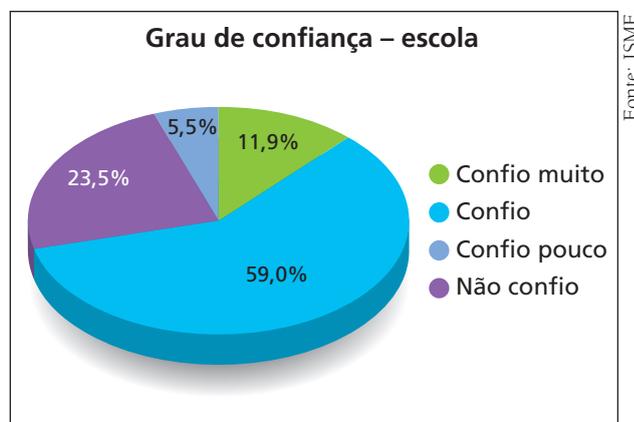
São várias as perguntas relacionadas à escola (as diferenças entre graus de auto-avaliação acadêmica, dada sua relação direta com a escola, serão comentadas somente no final do presente tópico).

Como o fizemos para outros agentes institucionais (médicos, juizes, etc.), perguntamos a nossos sujeitos qual o *grau de importância dos professores para o progresso da sociedade*. Os resultados estão na tabela abaixo:



Como se vê, os professores são muito bem avaliados: um total de 98% pensa que são muito importantes (71,3%) ou simplesmente importantes (26,7%). Os professores equiparam-se, portanto, aos médicos, nas avaliações dos jovens. Eis um dado que não deve passar despercebido: os professores são vistos como agentes essenciais para a sociedade e seu progresso. Tal diagnóstico parece contrariar o senso comum atual segundo o qual os professores teriam perdido *status* social. Ora, não parece ser o caso, pelo menos no que tange aos rumos que a sociedade pode tomar.

Vejamos agora o *grau de confiança depositado na instituição escola*. Eis os dados:

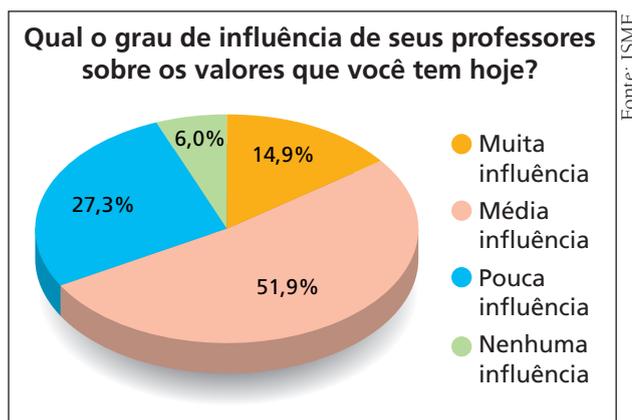


Já tivemos a oportunidade de ver os resultados dessa pergunta para outras instituições. Lembremo-los rapidamente para verificar que a escola inspira mais confiança que as demais, com exceção da família (dados que serão analisados no item ‘eu/outrem’). Se somarmos as porcentagens das respostas ‘confio muito’ e ‘confio’, temos que a escola aparece com 70%, contra 57,1% para os meios de comunicação, 55% para as instituições religiosas, 30,5% para o Poder Judiciário, 27,7% para o Congresso Nacional e 3,9% para os partidos políticos (a família recebe 97,4% das respostas). Logo, entre as instituições públicas (a família pertence ao espaço privado), a escola é a que merece maior confiança por parte dos jovens do Ensino Médio. Verifica-se também que são bem poucos os jovens que nela não confiam (5,5%), mas não é de todo desprezível o número daqueles que nela confiam pouco (23,5%). Também não é desprezível o fato de haver poucos alunos que dizem confiar *muito* na escola: apenas 11,9% (para a família, o número sobe para 80,7%).

Tais dados, somados àqueles sobre a importância dos professores para a sociedade, são certamente reconfortantes para quem avalia um radical distanciamento entre a escola e seus alunos. Afinal, a escola é melhor avaliada que as outras instituições públicas, e em torno de 70% dos jovens dizem nela confiar. Porém, deve chamar a atenção o pequeno número de alunos que nela confiam muito (11,9%), sobretudo se lembrarmos que são por volta de 80% aqueles que julgam a família merecedora de grande confiança. Considerando que os alunos passam boa parte de sua infância e juventude nas salas de aula, sua majoritária recusa em confiar muito na escola mostra, sim, um certo distanciamento, distanciamento este que sublinham os 23,5% que afirmam confiar pouco na referida instituição. Em suma, pode se dizer que a escola 'vai bem', mas que seria desejável que fosse mais digna de confiança, haja vista sua importância prática na vida dos jovens.

Finalmente, há uma diferença que vale a pena ser notada: os alunos de escola particular mostram-se mais confiantes na escola que seus colegas de escolas públicas. Com efeito, são 75,4% dos primeiros que confiam na escola, enquanto esse número cai para 67,4% para os segundos. Em relação à não-confiança, temos que 19,1% dos alunos de escolas particulares dizem confiar pouco nelas, enquanto esse número sobe para 26,7% entre aqueles que frequentam escolas públicas. Essas diferenças não são muito grandes, mas como giram em torno dos 10%, devem ser levadas em conta. Afinal, deveria ser a escola pública, por ser uma instituição de todos, a maior merecedora de confiança. Mas acontece exatamente o contrário.

Vejamos agora, assim como o fizemos para outros agentes sociais, a avaliação que fazem nossos sujeitos a respeito da *influência que exercem seus professores sobre seus valores*. Eis os dados:

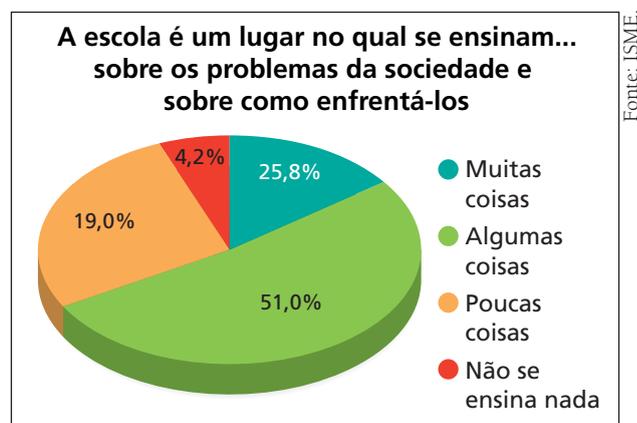


Entre os agentes sociais do espaço público, vê-se que os professores são vistos como tendo mais influência: 66,7% (os meios de comunicação receberam 56,9%, as instituições religiosas, 47,9%, as propagandas, 40,8%). Mas eles ficam bastante atrás dos pais (92,6%) e dos amigos (72,9%). Voltaremos aos dados relacionados ao espaço privado, mas, desde já, podemos sublinhar o fato de os agentes sociais do espaço público serem vistos como menos influentes que as pessoas do entorno privado.

Novamente, devemos notar que são poucos os sujeitos que pensam que os professores têm muita influência sobre seus valores (14,9%) e que quase um quinto da amostra pensa que eles têm pouca influência (27,3%). Esses dados são coerentes com aqueles atinentes ao grau de confiança, e as ponderações feitas anteriormente também valem para esse item.

Vamos analisar agora outros dados, oriundos de perguntas exclusivamente focadas sobre a escola.

Perguntamos a nossos sujeitos se a *escola era um lugar no qual se ensinam muitas coisas, algumas coisas, poucas coisas ou nada sobre os problemas da sociedade e sobre como enfrentá-los*. Como se vê, essa pergunta visa saber o quanto os alunos pensam ser a escola um lugar no qual se preparam os jovens para a vida, e não apenas para o mercado de trabalho. Os dados estão na tabela abaixo:



Se levarmos em conta que somam 76,8% as respostas que afirmam que a escola ensina coisas sobre os problemas da sociedade e sobre o como enfrentá-los, podemos dizer que a escola é bem avaliada enquanto lugar que instrumentaliza os jovens para a vida. Tal interpretação fica fortalecida se atentarmos para o fato de apenas 4,2% dos jovens afirmarem que a escola nada ensina a esse respeito. Confessamos que esse resultado nos surpreendeu: pensávamos que os alunos seriam mais críticos em

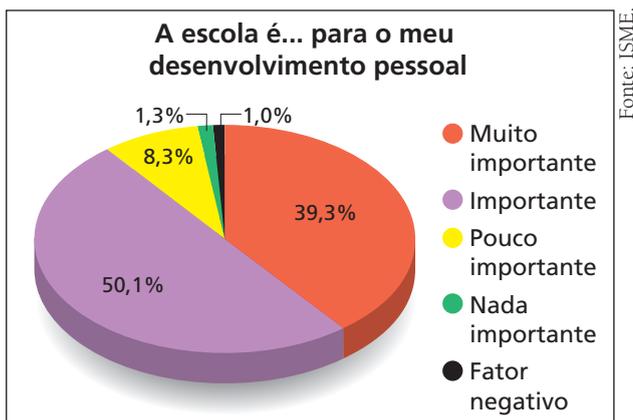
relação a essa essencial função social. Mas não foi o que aconteceu, o que deve ser positivo para a educação. Os dados que vamos agora mostrar confirmam essa boa avaliação da escola, por parte de seus alunos.

Perguntamos a eles se *o saber que se ensina na escola era extremamente importante, importante, pouco importante ou nada importante para o desenvolvimento social*. Eis os dados:



Somam-se 93,8% as respostas das opções ‘extremamente importante’ e ‘importante’, cada uma delas tendo recebido porcentagem de 47,2% e 46,6%, respectivamente. Esses dados, juntamente com os anteriores, mostram não haver, segundo nossos sujeitos, distanciamento entre a escola e a vida social.

E para a vida pessoal? Para sabê-lo, perguntamos aos alunos se viam *a escola como elemento muito importante, importante, pouco importante, nada importante ou como fator negativo para o seu desenvolvimento pessoal*. Os dados mostram, novamente, uma boa avaliação da escola:



Em resumo, a maioria dos alunos pesquisados pensa que a escola é um lugar no qual se aprendem coisas importantes sobre os problemas da sociedade e sobre como enfrentá-los, pensam que o saber que ela ensina é relevante para o desenvolvimento social e pessoal. Esses dados, ao lado daqueles que mostram serem, para os jovens do Ensino Médio, os professores agentes sociais importantes para o progresso da sociedade, com influência sobre seus valores e a escola merecedora de confiança, temos que é positivo o balanço final sobre a imagem que a escola tem aos olhos dos jovens. O balanço final é positivo e aparentemente contraditório com o tão propalado descrédito da escola aos olhos dos jovens.

Para finalizar, *vamos ver agora se houve diferenças sensíveis entre as respostas daqueles que se auto-avaliam com notas ruins e aqueles que pensam ter notas boas e médias*. Podemos ser rápidos na apresentação desses dados porque, em todas as perguntas feitas sobre a escola, aqueles que se avaliam negativamente, do ponto de vista acadêmico, mostram-se mais críticos em relação a ela.

Para a pergunta sobre a *importância dos professores para o progresso social*, enquanto apenas 0,5% dos alunos de média auto-avaliação e 1,3% dos de boa auto-avaliação pensam que escola não é nada importante, sobe para 6% a porcentagem dos alunos de auto-avaliação ruim que pensam da mesma forma.

Para a pergunta sobre a *influência dos professores sobre os valores dos jovens*, 21,7% dos alunos que se avaliam como tendo notas ruins julgam que eles em nada os influenciam, enquanto para seus colegas a porcentagem gira em torno de 5%.

Em relação ao *grau de confiança que têm na escola*, 22,1% dos alunos que se vêem com notas ruins dizem que não confiam, mas apenas 5% dos alunos de notas médias e 3,9% daqueles de notas boas pensam como eles.

A situação não é diferente quando se trata de avaliar se a *escola ensina a enfrentar os problemas sociais*: enquanto apenas 3,7% dos alunos de notas médias e 3,4% daqueles de notas boas julgam que ela nada ensina, sobe para 15,9% os alunos de notas ruins que negam à escola essa qualidade.

Quanto ao *papel dos saberes que se ensinam na escola para desenvolvimento social*, enquanto 94% dos alunos que se avaliam como

tendo notas boas e médias julgam que são importantes, essa porcentagem cai para 78,7% entre aqueles que se avaliam como tendo notas ruins.

Finalmente, no que diz respeito ao *papel da escola no desenvolvimento pessoal*, 6,7% dos alunos de auto-avaliação ruim julgam que a escola é um fator negativo, mas apenas 0,7% dos alunos de auto-avaliação 'média' e 0,5% daqueles de auto-avaliação 'boa' têm a mesma opinião negativa.

Tais dados são, de certa forma, esperados: aqueles que pensam 'ir mal' na escola têm maior tendência de retirar valor a essa instituição. Mas devemos lembrar que não é apenas a escola o objeto de tal desvalorização, mas também outras instituições e agentes sociais, como o vimos anteriormente.

Vamos agora conhecer os dados relativos à relação Eu/outrem.

#### 4) eu/outrem

É em boa parte convencional a fronteira que separa os temas que colocamos na classe 'eu/sociedade' daqueles que escolhemos para a classe 'eu/outrem'. Todos dizem respeito às relações sociais. Porém, pensamos que faz sentido analisarmos separadamente as respostas dadas a respeito das instituições (como o Poder Judiciário) ou agentes institucionais (como os médicos) e aquelas que tratam do 'outro', sem que um lugar preciso lhe seja atribuído. Fizemos uma única exceção para a 'família', que também é uma instituição social, mas que diz respeito ao âmbito privado, às relações de intimidade.

Vamos apresentar os dados sob três rubricas: relações conflituosas, espaço privado, virtudes morais. Como o fizemos até agora, somente nos referiremos a diferenças relacionadas ao tipo de escola freqüentada, ao sexo e à auto-avaliação acadêmica se elas forem encontradas.

##### 4-1) relações conflituosas

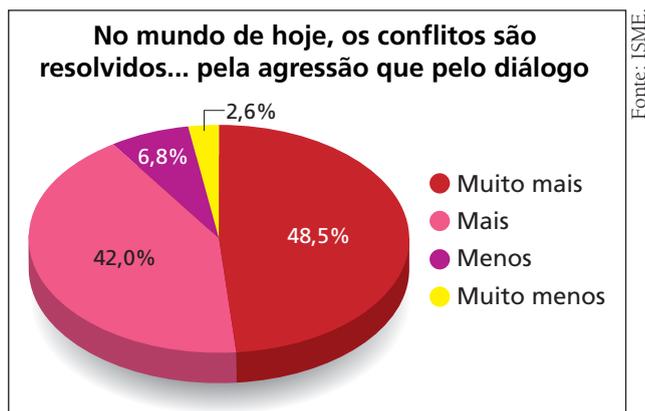
Vamos começar por verificar como nossos sujeitos avaliam as potencialidades de harmonia social. Para tanto, pedimo-lhes que julgassem a proporção de *amigos e adversários que temos no mundo de hoje*. Havia cinco alternativas: temos  *muito mais* ou  *mais* adversários

que amigos, temos *tanto* adversários *quanto* amigos, ou temos *menos* ou *muito menos* adversários que amigos. Eis os dados:



Como se vê, vence o pessimismo em relação à harmonia e à paz entre os membros da sociedade. Se somarmos as porcentagens das duas alternativas que falam em mais adversários que amigos, temos mais da metade da amostra (55%). E se somarmos a esses 55% a porcentagem de sujeitos que pensam que temos tanto adversários quanto amigos, chegamos a quase totalidade das respostas: 91,8%. Ou seja, apenas 8% da amostra pensa ser mais provável que a balança penda para o lado dos amigos. Interessante sublinhar aqui que os alunos com auto-avaliação acadêmica boa e média, que, como vimos, costumam ser menos críticos ou pessimistas que seus colegas com auto-avaliação negativa, na presente questão se mostram tão desencantados quanto eles. Em suma, para a grande maioria de nossos sujeitos, o trânsito social pelo espaço público apresenta-se como conflitivo e ameaçador.

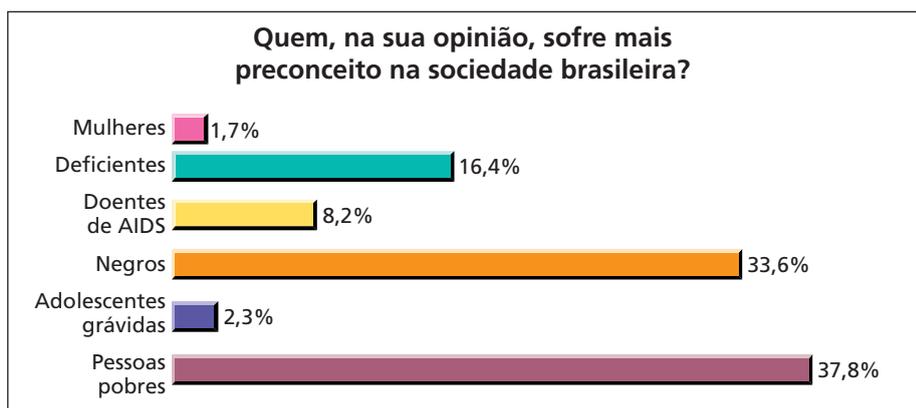
Os dados que vamos agora apresentar confirmam esse diagnóstico. Perguntamos se, *no mundo de hoje, os conflitos são muito mais, mais, menos ou muito menos resolvidos pela agressão que pelo diálogo*. Vejamos os dados:



Coerentemente com os dados relacionados à proporção entre adversários e amigos, esses mostram que a quase totalidade dos sujeitos (90,5%) pensa que a regra é a agressão, não o diálogo. Novamente, a auto-avaliação em nada interfere nesse diagnóstico. Pode-se dizer que o jovem de hoje pensa mais viver num mundo de possíveis adversários agressivos do que num mundo de possíveis companheiros dispostos a dialogar quando há conflito. Se pensarmos esses dados com aqueles atinentes ao sistema democrático de poder (questões referentes à confiança nos partidos políticos e nos poderes), encontramos o perfil de um jovem disposto a desertar o espaço público e a resguardar-se no espaço privado, junto a familiares e amigos. Os dados que veremos mais para a frente confirmam a realidade desse perfil.

Antes, vejamos rapidamente o que pensam nossos sujeitos a respeito de preconceitos e dos possíveis obstáculos que inviabilizam uma vida que vale a pena ser vivida.

Perguntamo-lhes *quem sofre mais preconceito na sociedade brasileira: mulheres? Deficientes? Doentes de AIDS? Negros? Adolescentes grávidas? Ou pessoas pobres?* Na tabela seguinte temos os resultados.



Negros e pessoas pobres são vistos como principais objetos de preconceitos. Como explicar o empate entre essas duas alternativas? Tendemos a pensar que ele se deve ao fato de, no Brasil, a maioria das pessoas pobres terem pele escura, de onde a dúvida: os preconceitos sofridos se devem a qual dos dois fatores? Como o sabemos, as opiniões divergem, e nossos sujeitos não fogem à regra, apesar de uma ligeira preferência pelo fator pobreza (37,8%, contra 33,6% para a negritude). Pensamos que esse dado pode ser relevante para aqueles que estudam o preconceito e desenvolvem políticas para combatê-lo. Também deve ser relevante para a discussão sobre a ‘discriminação positiva’: admitindo-se que ela é legítima, sobre quem ela deve recair?

No que se refere a obstáculos para alcançar uma vida que vale a pena ser vivida, *pedimos a nossos sujeitos que avaliassem o peso (muito forte, forte, pouco forte e nada forte) dos seguintes: isolamento, preconceitos, violência, má preparação profissional, crise econômica e racismo.*

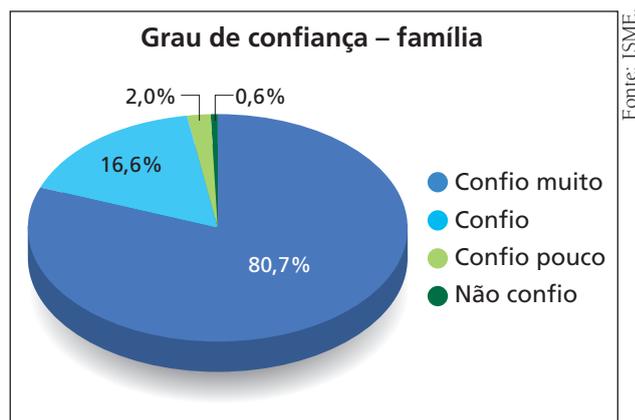
Vamos aos dados, apresentando apenas a soma das opções ‘muito forte’ e ‘forte’. O isolamento aparece como o obstáculo menos ameaçador, com 55,1%. Em seguida vêm o preconceito e o racismo, com, respectivamente, 69,5% e 70,1%. A crise econômica recebeu 72,5%, a má preparação profissional, 73,9%, e a violência, 74,3%. No caso dessa última, as meninas mostram-se mais preocupadas com ela que os meninos, pois 55% delas dizem ser a violência obstáculo *muito forte*, enquanto são 44,1% dos meninos que pensam a mesma coisa.

Em suma, nossos dados não permitem estabelecer uma clara hierarquia entre os obstáculos escolhidos. Com exceção do isolamento, que fica apenas um pouco acima dos 50%, os outros praticamente se equivalem, com porcentagens em torno dos 70%. Todos eles, portanto, são considerados obstáculos relevantes para alcançar uma vida que vale a pena ser vivida. Como esses obstáculos de fato existem, e que, para dois deles, preconceito e violência, dados já comentados mostraram que nossos sujeitos os consideram muito presentes na vida contemporânea, temos um quadro pouco alentador para o alcance de uma vida boa, pelo menos no que diz respeito a aspectos do espaço público.

Vamos ver agora que é no espaço privado que os adolescentes sentem-se mais confortáveis.

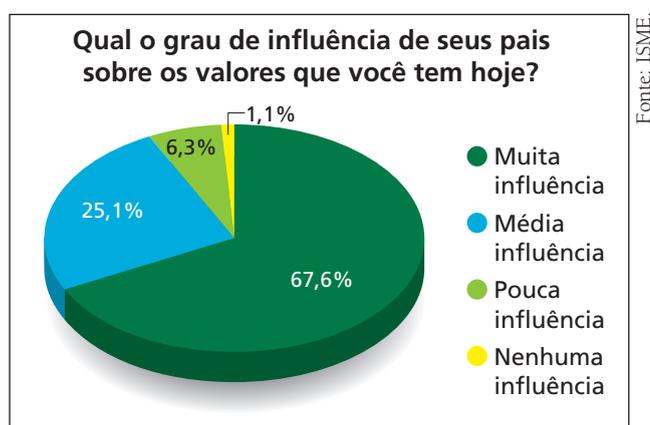
#### 4-2) espaço privado

Começemos por conhecer o *grau de confiança que nossos sujeitos atribuem à família*. Lembremos que há quatro opções: *confio muito, confio, confio pouco e não confio*. Eis os dados:



Vale notar o fato de 80,7% dos sujeitos afirmarem confiar  *muito* na família, número que, somado ao confiar, nos dá a quase totalidade da amostra (97,3%). Lembremos que a escola, digna de confiança para 71% dos jovens pesquisados, apresentava apenas 11,9% para a opção ‘confio muito’. Logo, a família aparece longe na frente das outras instituições sociais em termos de confiança, e isto vale tanto para os alunos da escola pública quanto da particular, e vale também tanto para meninos quanto para meninas. Em compensação, a auto-avaliação diferencia um pouco os sujeitos. Enquanto os alunos que se avaliam com notas boas e médias apresentam, respectivamente, 82,5% e 80,8% de opções ‘confio muito’ - números iguais aos da amostra total -, esse número cai para 67,1% para os alunos que julgam ter notas ruins (26,2% optaram pelo ‘confio’). Note-se também que a opção ‘não confio’, escolhida por apenas 0,6% dos alunos que se avaliam com notas boas e 0,4% daqueles que julgam ter notas médias, recebe 3,6% das opções entre os alunos que se avaliam negativamente quanto ao desempenho escolar. Mas uma vez verificamos a correlação da auto-avaliação acadêmica com variadas áreas distintas da escola.

Vejamos agora *o quanto os pais são vistos como importantes na formação de valores*. Antes disso, lembremos rapidamente os dados anteriores referentes a outros agentes sociais. Somando ‘muita influência’ e ‘média influência’, temos para os professores 66,7%, para a mídia, 56,9%, para as propagandas, 40,8% e para as instituições religiosas, 47,9%. Eis os dados para os pais:



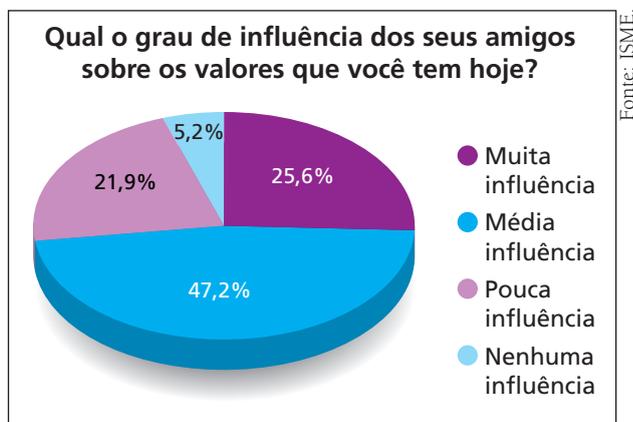
Assim como aconteceu para o grau de confiança, é alto o número de opções pela alternativa ‘muita influência’ (67,6%). Para os demais

agentes sociais, esse número não ultrapassa 18,5% (para a mídia). A soma das respostas 'muita influência' e 'média influência', 92,7%, também supera largamente as porcentagens dos demais agentes sociais (os professores, segundos colocados, ficam com 66,7%). Em suma, a família, os pais, ocupam um lugar positivo e de destaque para os alunos do Ensino Médio, e isso sem distinção de tipo de escola freqüentada.

Encontramos uma pequena diferença devida ao sexo: 71,6% das meninas optaram pela alternativa 'muita influência', enquanto 63% dos meninos fizeram a mesma opção. Estes quase 10% de diferença tendem a mostrar que as meninas são ainda mais ligadas à família que os meninos.

Como já verificada várias vezes, a auto-avaliação acadêmica também diferencia um pouco os sujeitos. Enquanto 74,8% dos alunos 'notas boas' e 64,8% daqueles 'notas médias' pensam ser muito influenciados pelos pais, 52,8% dos alunos 'notas ruins' pensam a mesma coisa. E enquanto apenas 4,8% dos alunos 'notas boas' e 6,6% daqueles 'notas médias' pensam ter seus pais pouca influência sobre seus valores, 13,1% dos alunos 'notas ruins' pensam da mesma forma. Vale para esses dados as análises já feitas anteriormente.

Falta vermos *como se situam os amigos como fontes de influência de valores*. Os dados:



Como se vê, os amigos são vistos como menos influentes que os pais, mas mais do que professores, mídia, etc. Esse dado, junto com os demais, mostram bem a clara preferência que nossos sujeitos dão ao espaço privado em relação ao espaço público.

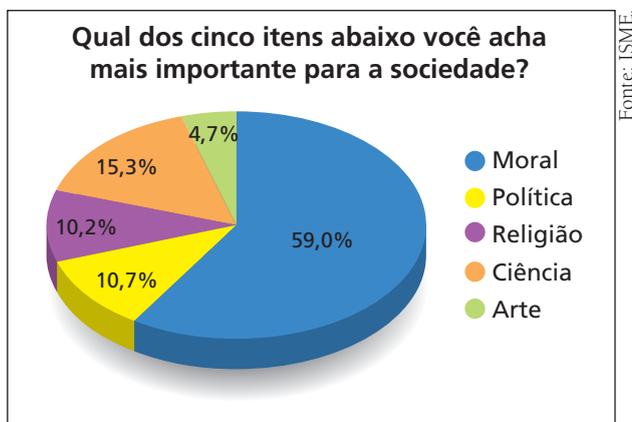
Interessantemente, não encontramos diferença devida à auto-avaliação. A explicação talvez seja a de que amigos, portanto relações de re-

ciprocidade, não representam instância de autoridade ou poder (como família, escola, mídia, etc.) e não são, portanto, alvo de atribuição de responsabilidade pelos virtuais fracassos pessoais.

### 4-3) virtudes morais

Para finalizar a análise das respostas relacionadas ao ‘eu/outrem’, vejamos *como nossos sujeitos avaliam a importância da moral e de algumas virtudes*.

Começemos por rever os dados relacionados à atribuição de importância, para a sociedade, da moral, da política, da religião, da ciência e da arte.



Como se vê, a moral, com 59% das respostas, aparece claramente mais valorizada que os demais itens. Esse dado é plenamente coerente com o fato de os adolescentes verem o espaço social como lugar de agressão, e de pensarem estar mais rodeados de adversários do que de amigos. A moral é justamente o sistema de valores, princípios e regras que visa, entre outras coisas, dar paz e harmonia à relações sociais. Parece haver uma demanda de moral por parte de jovens, demanda esta correlata do diagnóstico de sua ausência na sociedade.

Há uma pequena diferença, mas que seria uma pena não revelar, entre meninos e meninas. Enquanto 65,7% destas últimas escolheram a moral, a porcentagem cai para 51,2% para os meninos, que dão mais importância do que elas à ciência (20,7% para eles, e 10,7% para elas) e à política (12,6% para eles e 9,0% para elas).

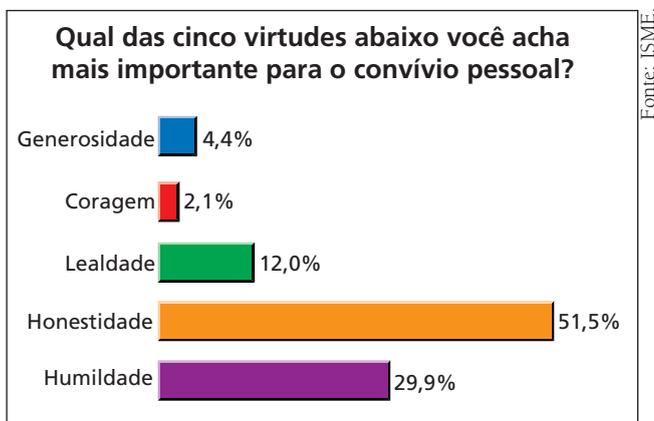
Vamos ver agora *que importância eles atribuem a virtudes, uma não moral (competência profissional), duas morais (honestidade e tolerân-*

cia), e uma tanto moral quanto jurídica (a justiça). Lembremos que, para a grande maioria dos filósofos da moralidade, a justiça é a virtude moral por excelência, sem a qual, como o dizia Adam Smith, nenhuma sociedade é viável. Nossos sujeitos parecem concordar:



Note-se que as três virtudes morais (tolerância, responsabilidade e justiça) somam juntas 86% das escolhas. Note-se também que as opções pela justiça quase equivalem à metade das respostas. Mas há outro dado que merece ser sublinhado: o fato de a tolerância ser objeto de apenas 6,1% das respostas, ou seja, abaixo dessa virtude pragmática que é a competência profissional. Uma pesquisa realizada por nós no ano de 2000 trouxe um dado coerente com o que acabamos de comentar. Nela pedimos a 438 sujeitos de Ensino Médio do Município de São Paulo, metade deles de um escola particular e a outra de uma escola pública, que fizessem um ranking por ordem de importância de 10 virtudes (coragem, gratidão, fidelidade, generosidade, honra, prudência, polidez, tolerância, justiça e humildade) A tolerância ficou em último lugar. Numa época na qual muito se discute preconceito e racismo (vistos respectivamente por 69,5% e 70,1% de nossos sujeitos como forte obstáculo para a vida), a menor valorização da tolerância deve chamar a atenção. Podemos, aqui, lembrar dos dados atinentes ao fato de os jovens pensarem ter mais adversários que amigos e que os conflitos são mais resolvidos pela agressão do que pelo diálogo. Na medida em que o outro é visto como provável adversário, só mesmo a justiça (que se institucionaliza no Poder Judiciário) para garantir a harmonia social, pois a tolerância, além de pressupor a abdicação de uma parcela de poder pessoal, depende de relações de confiança.

Finalmente, vejamos como nossos sujeitos *comparam a importância de cinco virtudes, todas elas morais, para o convívio entre as pessoas*. Eis os dados:



Honestidade (51,5%) e humildade (29,9%) são as virtudes mais escolhidas, sem diferenças significativas atribuíveis a tipo de escola frequentada, sexo e auto-avaliação. Que a honestidade tenha recebido praticamente a metade das escolhas não deve ser estranhado: essa virtude, que implica assumir responsabilidades e ter honradez, faz-se presente em todos os conteúdos morais.

Em compensação, chama a atenção o fato de a humildade ser a segunda mais escolhida, na frente de virtudes como a lealdade (muito relacionada à amizade, portanto ao espaço privado) e a generosidade (também relacionada ao espaço privado). Citamos anteriormente a pesquisa realizada, no ano de 2000, com 438 sujeitos do Ensino Médio paulistanos na qual havíamos pedido um ranking por ordem de importância de 10 virtudes. Coerentemente com os dados agora coletados, a humildade ficou em primeiro lugar, justo na frente da justiça e da fidelidade. Por que será a humildade tão valorizada pelos jovens? Houvesse a religião ou as instituições religiosas se mostrado muito importantes para nossos sujeitos, poderíamos a elas atribuir a causa da grande valorização desta virtude, uma vez que a religião dominante no Brasil é o catolicismo, que confere grande importância à humildade. Mas como não foi o caso, deve-se procurar respostas em outras direções. Talvez se trate de uma reação ao grande lugar que ocupa, hoje, a fama e a glória e a constante celebração de ídolos de todo tipo. Hoje em dia, mostrar-se, falar de si, fazer de si um objeto de marketing, são estratégias sociais cada vez mais comuns e que, é claro, em

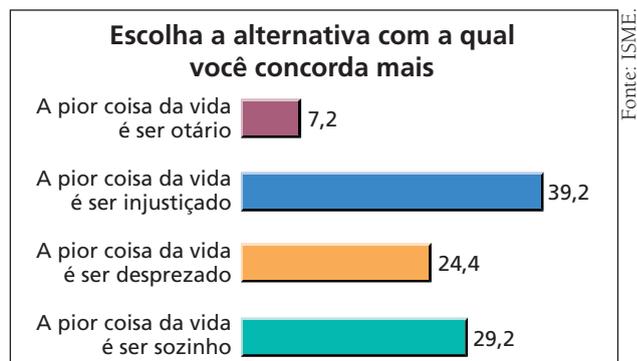
nada se relacionam com a humildade, muito pelo contrário. Esta forte presença de variadas formas de vaidade talvez explique porque a virtude que lhe é contrária esteja, ela mesma, no centro das atenções. Trata-se de um tema que deve ser melhor pesquisado. Mas há outra hipótese. O que talvez esteja em jogo é a importância da humildade no outro (e não para si mesmo): o outro humilde seria menos ameaçador. Ora, haja vista que os jovens pensam ter mais adversários que amigos, parece natural que convivendo com tantos adversários, num mundo hostil, pense-se que falta ao outro humildade para que o 'eu' possa se sentir um pouco mais seguro.

## 5) eu/eu

Reservamos para esse último bloco de apresentação e análise de dados aqueles referentes aos juízos de valor que os sujeitos fizeram a respeito de si mesmos. São quatro questões, que passamos a apresentar.

### 5-1) o que não ser

Solicitamos a nossos sujeitos que elessem, entre quatro possibilidades, a pior para a vida. As possibilidades eram: ser otário, ser injustiçado, ser desprezado ou ser sozinho. A escolha das alternativas 'injustiçado', 'desprezado' e 'sozinho' deu-se em razão do conhecido sofrimento psíquico que costumam causar. Acrescentamos a alternativa 'otário' porque queríamos verificar se o ser enganado por pessoas mais 'espertas' - tema freqüente nos dias de hoje - compararia entre as representações de si com valor mais negativo. Não foi o que aconteceu, como se vê na tabela abaixo:



Coerentemente com outros dados que já vimos, a alternativa 'injustiçado' foi a mais escolhida (39,2%). Porém, as alternativas 'sozinho' e 'desprezado' também receberam porcentagem alta de respostas, com 29,2% e 24,4%, respectivamente. O ser 'otário' ficou apenas com

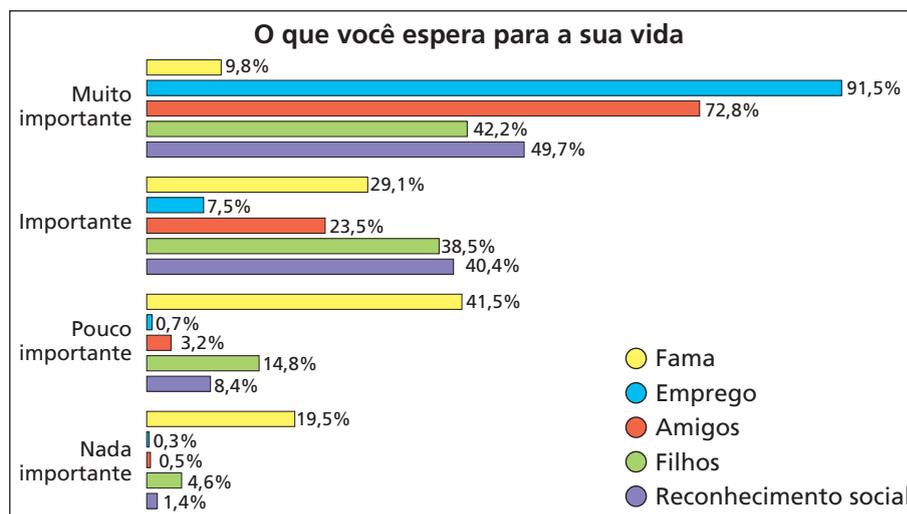
7,2% das respostas, sendo os meninos mais preocupados com essa possibilidade que as meninas (10,8% para eles e apenas 4% para elas). Os sujeitos com auto-avaliação acadêmica baixa também se diferenciam de seus colegas nesse item: 12,3% pensam que ser otário é a pior coisa da vida, enquanto apenas 7,3% dos alunos 'notas boas' e 6,8% daqueles 'notas médias' pensam a mesma coisa.

Houve também uma diferença digna de nota entre os alunos das escolas particulares e aqueles das escolas públicas. São 42,5% dos alunos das escolas públicas os que escolheram a alternativa 'injustiçado', contra 34,5% daqueles das escolas particulares. Esse dado faz todo sentido, uma vez que os alunos das escolas públicas, costumeiramente mais desfavorecidos economicamente, são alvos preferenciais das injustiças sociais. Os alunos das escolas particulares optam tanto pela alternativa da injustiça quanto pela da solidão (33,3%), fato que não se verifica entre os alunos das escolas públicas (26,4% para a solidão). A sombra da solidão parece estar, portanto, mais presente entre os jovens de classe social economicamente superior.

Em resumo, podemos dizer que, no geral, ser injustiçado, ser sozinho e ser desprezado dividem as opiniões dos jovens a respeito do que é pior para suas vidas.

## 5-2) o que ser

Fizemos uma pergunta praticamente oposta à anterior *pedindo a nossos sujeitos que dissessem o que esperavam da vida: ter fama? Ter emprego? Ter amigos? Ter filhos? Ter reconhecimento social? Para cada alternativa, quatro opções foram apresentadas: muito importante, importante, pouco importante e nada importante*. Eis os dados:



Como era de se esperar, a alternativa 'emprego' foi aquela que mais respostas 'muito importante' obteve (91,5%). Como as demais incidem sobre variáveis psicológicas, vamos compará-las entre elas.

Contrariamente ao que se poderia pensar em época de suposta busca de glória, a importância da 'fama' aparece bem abaixo daquela atribuída aos outros índices: ela foi reconhecida como muito importante por apenas 9,8%, e como importante por 29,1%. Mas isso não significa que nossos sujeitos desdenhem o olhar alheio. Com efeito, 90,1% pensam que o 'reconhecimento social' é muito importante ou importante. Ou seja, grande parte desdenha o caráter freqüentemente superficial da fama, mas não o caráter concreto e sério do reconhecimento. Note-se que o reconhecimento sempre implica mérito, enquanto que o mesmo não vale para a fama.

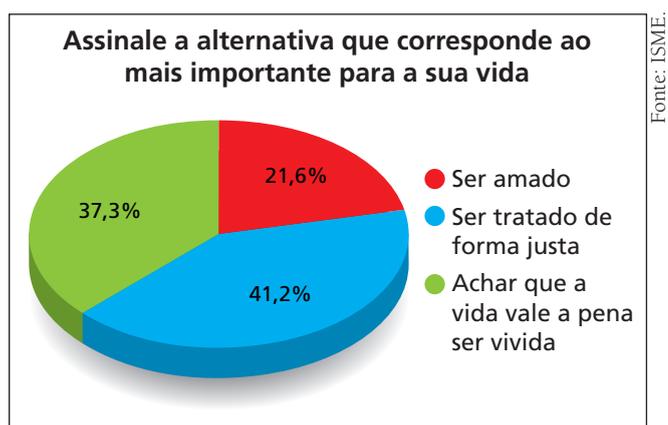
Do lado das relações privadas, ter amigos aparece como mais importante que ter filhos, embora importância tenha sido atribuída pela maioria dos sujeitos a ambas as alternativas. Vale a pena notar que, para amigos, 72,8% dos sujeitos responderam 'muito importante', enquanto que essa porcentagem desce para 42,2% para filhos. Um estereótipo social poderia nos fazer esperar que as mulheres seriam mais inclinadas a privilegiar filhos a amigos, mas não foi o que aconteceu: 71,2% das meninas atribuíram muita importância a amigos, e 42,9% a filhos. Os meninos fizeram igual: 71,2% deram muita importância a amigos e 41,3% a filhos.

Finalmente, encontramos uma diferença devida à auto-avaliação acadêmica para a alternativa 'reconhecimento social'. São os alunos que se avaliaram com notas ruins que menos importância a ela atribuem: 14,2% pensam que tal reconhecimento é pouco importante e 4,1% que ele não é nada importante. Seus colegas com auto-avaliação superior não são tantos a desprezar o reconhecimento social. Para os alunos 'notas boas' temos 7,1% para o 'pouco importante' e 1,5% para o 'nada importante'. E para aqueles de 'notas médias', temos 8,7% para o 'pouco importante' e 1,2% para o 'nada importante'. Negar a importância do olhar alheio é traço mais característico dos alunos que julgam ter maus resultados escolares.

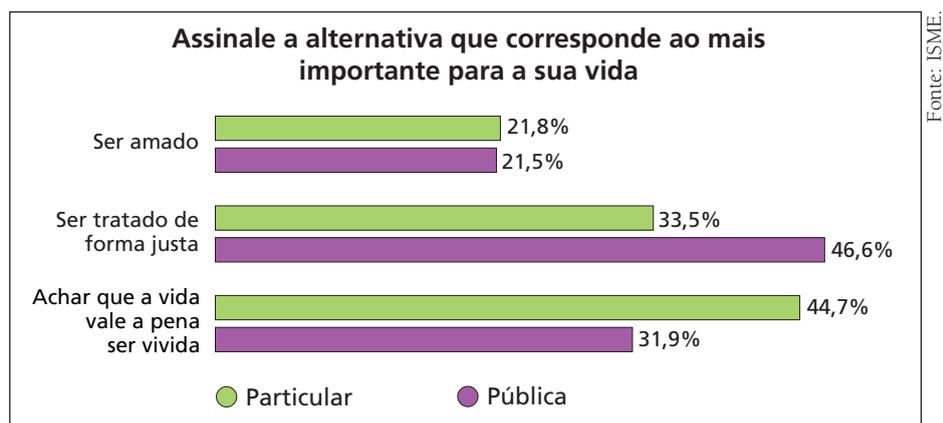
### 5-3) amor, justiça e sentido

Propusemos a nossos sujeitos uma questão filosófica: *o que é o mais importante para a sua vida: ser amado? Ser tratado de forma justa? Achar que a vida vale a pena ser vivida?* Trata-se de três temas maiores:

o amor, a justiça e o sentido da vida. Na perspectiva teórica na qual nos colocamos, a ordem de importância é a que segue. Em primeiro lugar o tema ético do sentido da vida, sem o qual todo o resto deixa, ele mesmo, de fazer sentido. Em segundo lugar, o tema moral da justiça. E em terceiro lugar, o tema afetivo do amor, entendido aqui não no seu sentido religioso, mas sim emocional. Os dados da amostra total mostram que tal é também a ordem de importância adotada pelos nossos sujeitos:

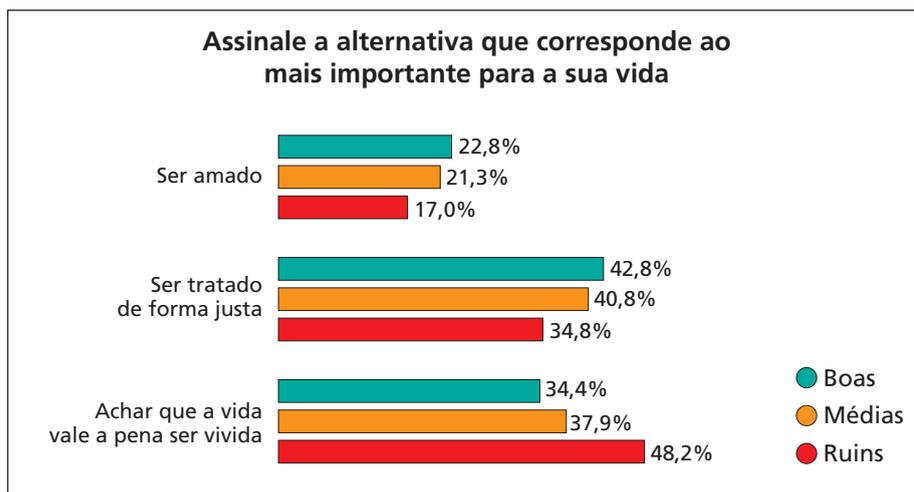


Como se vê, o 'ser amado', com 21,6%, é a alternativa menos lembrada. A 'justiça' (41,2%) e o 'sentido' (37,3%) obtiveram resultados parecidos, com pequena vantagem para a justiça. O embate está, portanto, entre o ser tratado de forma justa e viver uma vida que vale a pena. Ora, as variáveis 'tipo de escola freqüentada', 'sexo' e 'auto-avaliação' interferem na escolha dessas duas alternativas, sendo o 'ser amado' sempre o menos escolhido. Começemos com os dados referentes ao *tipo de escola*:



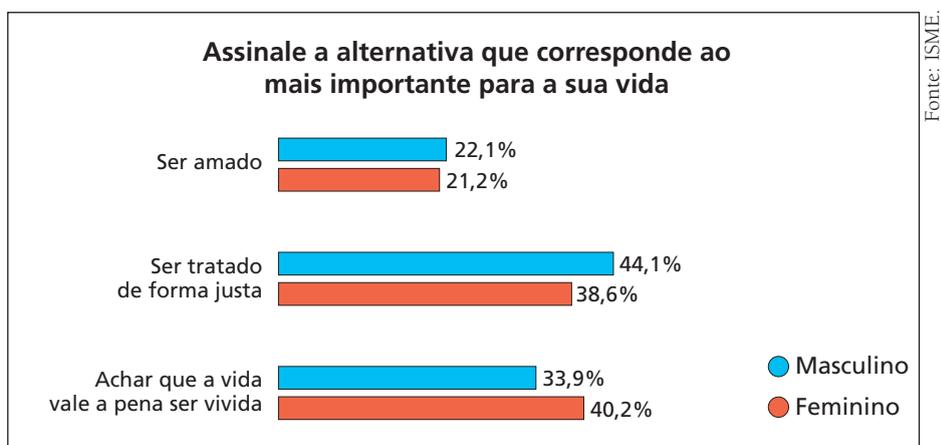
Pode-se dizer que as alternativas 'justiça' e 'sentido' dividem as opiniões. Mas é interessante notar que os alunos das escolas públicas optam mais pela justiça (46,6%) do que pelo sentido (31,9%), enquanto acontece exatamente o contrário entre aqueles das escolas particulares (33,5% para a justiça e 44,7% para o sentido). Uma forma possível de explicar esse dado é pensar na carência: muitos de nossos sujeitos teriam optado por aquilo de que eles sentem mais falta para eles mesmos. O fato de a justiça ser a alternativa mais lembrada pelos alunos de poder aquisitivo menor faria assim sentido: é de fato esta parte da população que mais sofre injustiças de todo tipo, a começar pela má distribuição de renda. Os alunos das escolas particulares, mais protegidos, pensariam menos na justiça, e mais no sentido. Nossa hipótese pode ainda ser expressa como segue: o sentido da vida é tema de maior preocupação para jovens de classe média e alta, não porque ser tratado de forma justa esteja razoavelmente garantido, mas sim porque vivem uma vida que tende a carecer de sentido. Pode ser que as exigências concretas do dia-a-dia, típicas das pessoas mais pobres, confirmem sentido à vida, enquanto um tempo maior para o lazer, a perspectiva ainda distante de entrar no mercado de trabalho, de fundar uma família, etc., deixem os jovens num certo vazio existencial. Em suma, pode ser que quem tenha optado pela alternativa da 'vida que vale a pena ser vivida' tenha-o feito porque não está satisfeito com o sentido que atribui à sua vida.

Os dados referentes à *auto-avaliação* tendem a confirmar essa última hipótese:



Como se vê, são os alunos com auto-avaliação negativa (notas ruins) que, em maior número, optam pelo sentido da vida (48,2%, contra 34,8% para a 'justiça'). Seus colegas escolhem mais a justiça. Vimos ao longo de nossas análises que os alunos que julgam ter notas ruins tendem a ser, para praticamente todos os temas, mais críticos, mais negativistas, mais cépticos que seus colegas. É bem provável que eles tenham mais dificuldades em dar sentido para suas vidas e que, por essa razão, tenham optado em maior número pela alternativa do sentido da vida.

Aconteceu o mesmo para as *meninas*. Eis os dados:



Note-se que, contrariamente a certos estereótipos bem freqüentes na nossa sociedade, as meninas não se diferenciam dos meninos quanto à escolha da alternativa 'ser amado'. Mas elas se diferenciam por optarem em maior número pela alternativa do sentido da vida. Se a hipótese segundo a qual as opções revelam maior carência para a alternativa escolhida, teríamos que um maior número de meninas ainda não sabe ao certo o que seria uma vida que vale a pena ser vivida, assim como acontece com os alunos de auto-avaliação acadêmica negativa, e para os alunos de escolas particulares em geral. Somente novas pesquisas, notadamente qualitativas, poderão nos permitir avaliar essa hipótese.

#### 5-4) vida realizada

Perguntamos a nossos sujeitos se *consideravam-se com grandes, moderadas, pequenas, as chances de se realizarem na vida, ou se elas eram inexistentes*.

Os dados:



Como se vê, o otimismo está presente: 95,3% dos sujeitos acreditam nas suas chances, sendo que a maioria (56,1%) pensa que elas são grandes. Mas não deve passar despercebido o fato de 39,2% dos jovens limitarem-se a pensar que suas chances são apenas moderadas: pode tratar-se de prudência, mas também de sérias dúvidas a respeito do futuro.

Não encontramos diferenças entre os sexos, tampouco entre os alunos dos dois tipos de escola. Em compensação, a auto-avaliação acadêmica influi. Entre os alunos 'notas boas', 67,4% pensam ter grandes chances de se realizarem na vida. Esse número cai para 51,3% entre os alunos 'notas médias', e para 44,6% entre os alunos 'notas ruins'. Há mais: enquanto apenas 2,5% dos alunos 'notas boas' e 4,4% daqueles 'notas médias' pensam que suas chances são pequenas, são 12% os alunos 'notas ruins' que pensam assim. E são 3,6% desses últimos que pensam ser suas chances inexistentes, contra 0,4% para os alunos 'notas boas' e 'notas médias'. Mais uma vez se verifica o quanto o sucesso ou o fracasso escolar tem importante correlação com os valores dos jovens que freqüentam a escola.

## CONCLUSÕES

Se, a partir de nossos dados, formos traçar, em linhas gerais, o perfil do aluno de Ensino Médio da Grande São Paulo, teremos quadro parecido com o que segue:

- *Trata-se de um jovem otimista em relação ao progresso da sociedade, no século que se inicia, e também razoavelmente otimista quanto às chances de se realizar na vida.*
- *Ele atribui grande confiança às pessoas de seu círculo privado (pais, amigos) e se sente por eles bem mais influenciado quanto a seus valores do que pela escola, pela mídia e pela religião.*
- *Em compensação, o espaço público lhe aparece como ameaçador, pois nele enxerga mais adversários do que amigos e mais agressividade do que diálogo.*
- *Ainda em relação ao espaço público, ele nutre uma grande desconfiança para com as instituições políticas e seus representantes.*
- *Coerentemente, ele elege a moral como essencial para a sociedade, com particular destaque para a justiça, a honestidade e a humildade.*
- *Ele acredita que pobres e negros são os que mais sofrem preconceitos, que a pior coisa é sofrer injustiça, e que os fenômenos da violência, da má preparação profissional, da crise econômica e do racismo são grandes obstáculos para se viver uma vida plena.*
- *Em relação à escola, instituição cujo papel é fazer, para o aluno, a transição entre o espaço privado e o espaço público, ele atribui grande importância ao papel social dos professores e neles tende a confiar, pensa que nela aprende coisas importantes para o enfrentamento de problemas sociais e para seu desenvolvimento pessoal.*
- *Quanto a seus desejos, eles recaem essencialmente sobre ser tratado de forma justa e viver uma vida que vale a pena ser vivida.*
- *Ter filhos e reconhecimento social são vistos como importantes, mas menos do que ter emprego e amigos.*

Eis o perfil geral que a pesquisa permitiu traçar. Importante notar que, salvo no que tange à influência da religião na sua vida, tanto o jovem que frequenta a escola pública quanto aquele que frequenta a escola particular apresenta, *grosso modo*, o mesmo perfil (a religião tem mais importância para o jovem das escolas públicas). Tampouco as

meninas diferem dos meninos, nas questões essenciais. Em compensação, o fato de se auto-avaliar com desempenho acadêmico ruim correlaciona-se com um menor otimismo em relação às chances de desenvolvimento pessoal, a uma maior crítica das instituições sociais e de seus agentes, a um sentimento de maior isolamento, mesmo no âmbito privado, e a uma maior demanda de sentido para a vida.

Podemos agora voltar à pergunta colocada na introdução: o adolescente é um ser que sofre de 'vazio de sentido'? Não se pode responder de forma afirmativa, em razão do otimismo encontrado a respeito do progresso pessoal e do mundo. Contudo, um dado deve ser sublinhado com ênfase: o fato de o jovem parecer desertar o espaço público e recolher-se no espaço privado, pois ele não confia nas instituições de poder, tampouco parece confiar no outro 'anônimo', antes visto como adversário e agressor do que como aliado e desejoso de cooperação. Para além das fronteiras do espaço privado, da família e dos amigos, o mundo aparece como ameaçador, como não digno de confiança, como estranho. Ora, como tanto o progresso da sociedade quanto a realização de uma vida que valha a pena ser vivida dependem das esferas públicas e dos demais membros da sociedade, íntimos ou não, podemos inferir um certo mal-estar no jovem de hoje. Se tomarmos a definição de perspectiva ética de Paul Ricoeur (1990), a saber a *busca de uma 'vida boa', com e para outrem, em instituições justas*, temos um jovem que valoriza a justiça, mas pensa viver num mundo injusto e violento; temos um jovem que pensa o 'para e com outrem' essencialmente no círculo íntimo de suas relações; temos um jovem, portanto, que se julga privado das regulações morais essenciais aos projetos éticos. Nos termos de Durkheim, temos um jovem que, da sociedade contemporânea, faz um diagnóstico de *anomia*.

## BIBLIOGRAFIA

Huntington, S. **Le choc des civilisations**. Paris, Odile Jacob, 1997.

Ricoeur, P. **Soi-même comme un autre**. Paris, Seuil, 1990.

Taylor, C. **Les sources du moi**. Paris, Seuil, 1998.